

A BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

DIRECTOR

DIAS FREITAS

VOLUME II.

(1877)



BRAGA:
TYPOGRAPHIA LUSITANA
3 — RUA NOVA DE SOUSA — 3

Nomes que rubricam os artigos publicados n'este volume.

Amelia Janny
 Beatriz Moreau
 Clorinda M. de Macedo
 Emilia Bellenecourt
 E. d'Almeida
 Guionmar Fonezão
 Paqueta Pilar
 Portuense Agneta
 Zulmira E. A. de Sá

Albano Sequeira
 Alberto Cruz
 Alberto Braga
 Antonio Correia
 Alberto Matheiro
 Antonio Augusto
 Aniceto Machado
 Antonio Maria da Fonseca
 A. M.
 Antonio Pereira da Silva Caldas
 Augusto Mendes Simões de Castro
 Arnaldo José Martins
 Alfredo Campos
 Antonio Francisco Barata
 Agostinho Barbosa Netto-Maior
 Almeida Pinheiro
 A. M. de Sousa Albuquerque
 Alvaro Ferni
 A * * *
 Balthazar Werneck
 Barboza de Magalhães
 Camillo Castello Branco
 Candido de Figueiredo
 Conselheiro Viale
 Correia Junior
 Costa Goodolphim
 Carlos A. d'Oliveira²
 Cunha Vianna
 David de Castro
 Dias Freitas

Eugenio Thomaz Vieira
 Felix d'Oliveira
 Fernando Castiço
 Fernando Simões Villagui
 Firmino José Pereira
 Francisco de Menezes
 Frederico d'Avellar
 Gaspar de Lemos
 Gaspar de Serronha
 Guimarães Fonseca
 Gomes Leal
 Gonçalves Crespo
 H. R.
 Ivo Jacome
 João de Deus
 Joaquim d'Araujo
 João Penha
 Joaquim Alves Matheus
 Julio Cesar Machado
 José d'Ornellas
 J. M. de Castro
 Lino de Macedo
 L. d'Almeida e Medeiros
 Manoel Pereira Lobato
 Magalhães Lima
 M. Motta Manso
 Magalhães Junior
 Manoel de Carvalho
 Marianno Rocha
 Narciso Alberto de Sousa
 Pereira Caldas
 Patrocínio da Costa
 Paulo Saavedra
 Rodrigues de Gusmão
 Sousa Moreira
 Sandoval d'Aguilar
 Sebastião Pereira da Cunha
 Soares Romeo Junior
 Teixeira de Carvalho
 Urbano de Castro
 Vicente Soares



«EIS QUE DO SEU REGAÇO OS BONS AUCTORES
«VOS EMBORCA A «IMPRESSÃO».—LÊDE E RELÊDE;
«QUE OS MOLDES ENGRAÇADOS DA FACUNDIA,
«ACEADA E NOBRE E RICA, N'ELLES JAZEM.

Filinto Elyseo—*Arte Poetica*, XX.

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 7 DE JANEIRO DE 1877.

NUMERO 13

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

MIRAGENS

A' beira de um lago gentil passarinho
Pousára, cançado de muito voar,
Sem ter companheira que fosse em seu ninho
A vida com elle ditosa gosar.

O lago nas aguas o ceu espelhava,
E 'nellas seu corpo tambem reflectia,
A cauda agitando, se a cauda agitava,
As azas batendo, se as azas batia!

Tal era a miragem que o pobre, illudido,
'Té mesmo seus cantos lhe ouvia cantar!
E, como seu carne de amor fosse ouvido,
O par que não tinha, julgára encontrar.

As azas explica, 'num voo despede
O par demandado do seu coração,
E morre afogado no abysmo, que mede,
Nas aguas traidoras, na falsa illusão....

A morte do lindo, gentil passarinho
Desperta 'num peito sensível a dor;
Amante, e amado de si, pobresinho,
Nas aguas morrera sedento d'amor!

Assim, vós, mancebos, deveis mil cautelas
Haver nas miragens que tem a mulher,
Olhar bem vossa alma no espelho das dellas
Se alguém na voragem a morte não quer.

Repetem algumas carinhos, ternura,
Com muita amizade, com muita affeição,
Escondem as outras com flores a negrura
Do pego profundo do seu coração.

Taes são como as agoas do lago, que vimos,
A terna avesinha traidoras roubar,
São ceu de venturas, d' affectos, de mimos,
Ou ceu reflectido que pode matar.

Evora

DA DECIMA AOS LITTERATOS

Não deveriam pagar decima os litteratos em Portugal. Escrever, entre nós, é um divertimento; para quem escreve, nem sempre para quem lê! Toda a gente que tem outras occupações e segue outra carreira, compõe, quando quer, o seu pedaço, sem ninguem lhe pedir estilo, nem sentido, nem invenção, nem a mais leve sombra de talento.

Ser litterato em Portugal é a profissão de s que não tem nenhuma.

Não ha caixeiro desempregado, advogado sem escriptorio, escripturário sem penna, cabelleireiro sem pente, que não seja fabricante de litteratura.

As leis prohibem que se usurpe o titulo de tabelião, de cirurgião, de cambista: litterato é sê-lo, ou dizer que o é, quem queira. Para que se diga como certo que o sujeito escreve, basta escrever *com a mão*; com o talento, bom será tambem, mas é luxo.

E' litterato? Seja litterato. Como se ha de contestar uma asserção semelhante?! Em caso urgente pode verificar-se se um sapateiro é sapateiro:—«Faça-me um par de sapatos!» ou se o barbeiro é barbeiro—«Agarre ahí na navalha, e escanhõe-me a cara»: ou se o medico é medico—«Dê cá febre, ou tire lá a febre...» Mas como ha de uma pessoa fixar-se sobre a identidade do litterato? E' impossivel. Não ha peso, não ha medida, não ha balança que sirvam. E' uma profissão que está fóra da da lei. Não se sujeita a regra nem uniformidade. O litterato pode ser *gentleman* ou *pulha*, viver n'um palacio ou n'uma agua,

furtada, estudar ou não estudar, saber ou não saber, trabalhar ou não trabalhar.
Não deveriam pagar decima!

Lisboa.

JULIO CEZAR MACHADO.

~~~~~  
**A GENEBRA**

—De Byron—

O ceu do teu olhar suave e doce,  
Teus cabellos compridos da côr d'ouro,  
A fronte pensativa e desmaiada,  
Onde respira a quietação suave  
Da Dôr serena, a cujo desespero  
O tempo conferiu o encanto e a graça,  
Imprimiram em ti, no teu semblante  
Tão eloquentes traços de tristeza,  
Que eu poderia crer-te dominada  
Por terrenos pesares, se não fôra  
A lograda certeza de que apenas  
Tua alma encerra pensamentos puros,  
De que teu coração não soffre liga.  
Assim como nasceu a Magdalena  
De Guido na palêta inspiradissima  
A' luz do grande genio da Belleza,  
Assim tu m'appareces: oh! mas quanto  
Mais formosa não és e mais sublime!  
Pois o remorso em ti não tem que expie,  
Nem tens motivos d'arrepentimentos!

ALFREDO CAMPOS.

~~~~~  
A ACADEMIA

Está sendo annunciada com este titulo, e recommendada com encomios, uma revista litteraria de Madrid, de que é editor o nosso illustrado confrade D. José Gil Dorregaray, socio correspondente da real academia de S. Fernando.

No circulo amplissimo do seu *programma*, abrange esta revista os themas de mais importancia litteraria.—Nenhum d'elles esquece.

Artigos de critica, litteratura, sciencia, industria, archeologia, movimentos academicos, chronicas monumentuárias, discussões do ensino livre, estado do professorado universitario, theatro, bibliographia, correspondencias, biographia, e miscellanea—

eis os tópicos especializados da nova revista madrilena.

A alguns d'estes assumptos, promette consagrar-se *A Academia* com minuciosa attenção.—Taes são, entre outros, os attinentes á archeologia, ás commissões de monumentos, ao atheneu d'ensino livre, e aos trabalhos universitarios.

A nitidez da impressão, avaliando-a pelo *programma*, não póde ser excedida em publicações d'esta especie.—Pode aquilatar-se de luxuosa.

A Academia sahirá todas as semanas a lume, formando em cada semestre um volume d'umas 500 paginas, com o indice respectivo, e a capa illustrada correspondente.—Cada numero individual, constará de 16 paginas d'impressão.

O prego annual da assignatura, será de 40 pezetas na Hispanha e em Portugal.—Na America, será de 16 pezos fortes.—na Italia, França, Belgica, Inglaterra, e Allemanha, será de 50 francos.

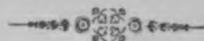
O illustrado editor d'esta revista, acreditado sobejamente no seu paiz e fora d'elle, tem sido o editor do *Don Quijote*, da *Historia de Madrid*, da *Historia de las O'rdenes Militares*, do *Museu Español de Antigüedades*, e da *Historia Social de los Judios de España y Portugal*.—E' emfim o editor, a quem o govêrno da sua nação encarregára da publicação dos *Monumentos Arquitectonicos* debaixo da inspecção da academia respectiva.

O nosso illustrado confrade de Madrid, D. Benigno Joaquim Martinez, encarregar-se-ha da parte respectiva a Portugal:—paiz que S. E. conhece occularmente desde a sua emigração entre nós, e a que sagra sempre algumas horas d'estudo no remanso do seu gabinete.—Acompanhal-o-ha n'esta collaboração o seu illustrado filho D. Frutos, conhecido de sobejo em nosso paiz tambem, por alguns escriptos que lhe tem consagrado no meio dos seus trabalhos escholares.

A Academia, de que não podêmos deixar d'aguardar com ancia a apparição, preencherá uma lacuna sensivel no jornalismo da nação vizinha, fazendo-se credora da estima e consideração dos amadores das lettras em toda a parte.

Braga.

PEREIRA-CALDAS.



AOS ANOS DA EX.^{ma} SNR.^a
D. ELISA NUNES DE MATTOS

—Soneto arcadico.—

« Porque deixas, assim tão pressuroso
« Sem arco e sem farpões, Amor, meu lado,
« De rozas e jasmims todo enfeitado,
« Qual eu nunca te vi, ledo e formoso » ?

Assim Venus fallou em tom mavioso
Do Ida nos vergeis, ao filho amado :
« Vou, ó mãe,—diz-lhe em jubilo banhado—
« A meiga Elisa hoje saudar gostoso.

« Seus annos faz, e sua fronte bella
« Adornar quero destas lindas flores,
« Tecendo grata, festival capella.

« São justos—diz Cythera,—os teus louvores ;
« Digna rival de tua mãe, só ella
« Merece ser a Deosa dos amores.

CORREIA JUNIOR

DOLORES

IX

(Continuação)

Chegamos a casa. Era noite. Carmen tinha accendido as luzes na salla do piano. D. Garcia recostou-se commodamente n'uma cadeira de braços, cavalgou as lunetas no nariz e entregou-se á leitura dos jornaes que acabavam de chegar do correio. Carmen sentou-se á entrada da porta da salla fiando na sua roca, enquanto Pepe, encostado á ombreira da mesma porta, com os braços cruzados, escutava a nossa conversação. Eu sentei-me ao piano. Começamos os nossos ensaios. Quando eu me enganava, Dolores ralhava, e eu sorria. De repente D. Garcia largou o jornal em cima da banca e disse :

—Ora aqui está um caso bem triste. Querem ouvir? Retomou o jornal e leu. «Deu-se hontem, na Porta del Sol, um acontecimento dramático. Estava n'um café, lendo os periodicos um joven de pouco mais de 20 annos (dizia-se o nome). Entrou um individuo de idade avançada, dirigiu-se á meza onde elle estava e disparou-lhe dois tiros de revolver na frente. A morte foi instantanea. Todos os espectadores d'esta scena horrivel de sangue, se precipitaram sobre o assassino. Elle não offereceu a menor resistencia. Disse, quando

o agarraram:—Era um vil! Casado, e com filhos, seduziu minha pobre filha! Havia lagrimas de desespero na voz do pobre ancião!»

Eu estremeci. D. Garcia continuou. Ora ahi tem para que esta gente se casa... para praticar depois loucuras. Quando o snr. casar, faça-o por muito amor, disse-me elle, isto se não é já casado.

Dolores fixou em mim um olhar interrogador. Perturbei-me muitissimo. Saberá explicar então porque? Como estava com o papel da musica na mão, deixei-o cahir. Reflecti, enquanto o apanhava... Amanhã vou-me embora. Não voltarei... que importa uma mentira?... Quando me levantei, tinha um sorriso nos labios. Respondi: Não, snr. D. Garcia. Sou livre...

Fulguraram os lindos olhos de Dolores. Poz um papel de musica no piano e cantou com alegre expressão a *cavatina* da Gazza Ladra :

Di piacer mi balza il cuore
à bramar di più non sò.

X

Não quero passar por virtuoso. Não o sou. Estou longe d'isso. E' porém indisciplinavel o estado de agitação em que me fui deitar. Menti... menti a Garcia que me tratou com tanta amabilidade, com tão cordial franqueza! Menti a Dolores... pobre creança!

Mas eu tinha então pouco mais de vinte e dois annos. Sob a influencia magnetica do olhar de Dolores, não me fôra possivel dizer a verdade. Não tivera força para tanto. Seria isso levantar um muro de gelo entre mim e ella. Para uma menina solteira um homem casado é uma coisa séria, quasi respeitavel. Seria dizer adeus aos intimos colloquios, áquelles sorrisos que me faziam presentir as alegrias dos cherubins!

A consciencia, porém, não se me aquietava com aquellas razões. Eu procurava descortinar se não haveria um outro motivo...

E se ella... Um pensamento me atravessou o espirito, como um relampago... Sentei-me na cama d'um impeto. Ser amado por Dolores! Ouvir-lhe pronunciar essas palavras que reúnem em si um mundo de gosos para o coração! Ouvil-as de joelhos, em suave recolhimento, como se devem escutar as harmonias do céu!

Esse pensamento teve, como disse, a rapidez do relampago. Voltou a reflexão e com ella o conhecimento do perigo em que estava de cometer uma grandissima falta. Deixei cahir tristemente a cabeça no travesseiro.

Procurava mudar de ideias e tranquilisar-me. Vi um livro sobre a banquinha de cabeceira. Peguei n'elle. Era «Le Moie Prigioni» de Pellico. Li, nos ultimos capitulos a morte de Oroboni e a amputação de Maroncelli, e repeti, triste, com Pellico:

là era la fossa!

Julguei-me mais tranquillo. Apaguei a luz e cerrei os olhos. Parecia-me ver o rosto de Dolores que me dirigia o seu delicioso sorriso!

Era um verdadeiro tormento. Tornei a accender a luz. Levantei-me a abrir a janella. Estava um luar esplendido. A brisa fresca da noite saccudia os ramos das magnolias. O lago reflectia a luz da lua em espadanas prateadas. Ouvia-se o longiquo rumor do Oceano. Fui buscar uma cadeira e sentei-me. Eu tinha os olhos fixos no lago. O pensamento, porém, em namorada contemplação d'outras bellezas...

XI

A aurora surprehendeu-me adormecido sobre o peitoril. Se eu tinha vinte e dois annos! Feliz idade aquella, em que o sono vence todas as paixões!

Abri a porta do quarto e escutei. Silencio profundo, apenas interrompido pelo gorgear dos canários, que saudavam a luz do dia, ensaiando seus canticos d'amor. Tive uma ideia. Sahir sem ser presentido, e voltar para Portugal. Mas não seria um dever de delicadeza despedir-me d'esta boa familia? Não será a minha resolução inabalavel? Terei que receiar o ser vencido pela tentação de ficar por mais algum tempo? Não! Demos provas de coragem viril.

Desci as escadas com precaução. Carmen estava á porta da cosinha, deitando milho a um numeroso rancho de gallinhas e pombos. Perguntei-lhe por D. Garcia. Disse-me que, conforme o seu costume, se levantára ao nascer do sol e tinha ido para o pomar. Indicou-me o caminho.

Dirigi-me para lá.

Respirava com delicias o ar embalsamado e puro da manhã. Os homens da sciencia explicam com toda a seriedade que as plantas, as arvores, tudo quanto vegeta

e nos delicia os sentidos, exhala, sob a influencia da luz, um gaz incolor e ino-dóro que se chama oxygenio, e absorvem outro gaz, que existe em pequena porção na atmosphera — o accido carbónico. De noite dá-se o phenomeno contrario. As plantas absorvem o oxygenio e expellem o accido carbónico. Teem muita razão os homens da sciencia. Elles provam d'uma maneira irrespondivel as suas asserções. Nós, os profanos, que não lidamos ordinariamente com as fórmulas chemicas, dizemos que o ar, ao desponiar do dia é puro, fresco embalsamado, que se respira com delicias a longos haustos. Tambem dizemos que uma mulher é formosa. Elles provam-nos que não passa d'um grosso tronco carbónico. E' a prosa da sciencia!

Antes de chegar ao pomar avistei muitos homens junctos a um engenho d'espaldellar linho: Deve estar alli D. Garcia. Vamos ver.

Os homens descobriram-se todos quando eu cheguei ao pé d'elles. O que provará que nós caluniamos, sem razão, os habitantes d'alem-Minho. Elles não desprezam totalmente as leis da civilidade. Consigne-se isto como rectificação ás opiniões erroneas dos portuguezes, e como justiça devida á civilisação de Redondella e Camposaneos!

Perguntei por D. Garcia. Tinha ido a uma povoação proxima, cujo nome não me ficou de memoria por ser embellesado não sei com quantos *jj* gutturaes de difficil pronunciação. Partira-se a engrenagem d'uma das rodas do engenho e D. Garcia fôra assistir ao concerto d'ella. Perguntei se teria muita demora. Responderam-me que talvez lá estivesse até ao jantar.

XII

Voltei para casa zangado. Contava partir logo, e eis-me retido até á tarde! E chegarei eu a Caminha a hora de encontrar carro para Vianna? Se não o encontrar fico lá, n'uma hospedaria.

Ao chegar á porta do jardim ia seriamente commovido. Dir-se-hia que tinha medo d'abrir aquella porta. Pareceu-me ouvir o voz de Dolores. Era effectivamente ella que andava colhendo flores, cantarolando, rindo e conversando com Pepe, que a acompanhava com o regador. Quiz observal-a um momento. Vestia com encantadora simplicidade. Envolvia-se em amplo e alvo penteador, com os magnificos

cabellos cahidos em transas pelas costas. O vestido, um nadinha arregaçado, mostrava o pé recurvo e breve. Estava muito alegre. N'aquella alegria era porém facil adivinhar uma certa excitação nervosa. Por vezes parava e ficava-se com o olhar perdido no espaço, em muda e triste cogitação. Depois saccudia a linda cabeça, como para repellir um pensamento importuno, e tornava a rir e a conversar com Pepe.

(Continúa)

Praia da Granja.

ALMEIDA PINHEIRO.

A TI

Visão dos meus amores,
no aroma, que eu respiro,
e de ti vem, deliro
da febre nos ardores.

E um, e outro suspiro,
—nuncio de novas dores—
vae repouzar nas flores
que enfeitam meu retiro...

Se a vida, que me finda,
n'um teu sorrir fortuito
recebe almo calor;

porque eu ser triste, linda?!
—Ai! sou feliz, e muito,
pois tenho o teu amor.

IVO JACOME.

Braga.

RELIGIAO E LIBERDADE

(Continuação do n.º 7)

Consubstanciadas no mesmo vinculo, a religião e a liberdade trabalham para o grande fim de moralisar os povos, fazendo-os justos e progressistas, tornando-os irmãos e amigos. E estas grandes potencias, cuja força irresistivel impelle a humanidade a entrar nos dominios da justiça e do Direito, são duas alavancas poderosissimas, as unicas que podem levantar o homem do chão do aviltamento a eleva-lo aos páramos da dignidade.

A philosophia que nos ensina a procurar a verdade, que nos impelle ao amor da sciencia, dissipando os nevoeiros da du-

vida e abrindo a estrada direita pelos labirintos do erro, proclama que a religião e a liberdade teem uma tal affinidade, que destruir uma, seria perverter a outra.

O homem desde que nasce traz em si dois grandes sentimentos que mais tarde hão de expandir-se, porque os não pode refrear; tem um desejo que ha-de cumprir-se, desejo que caracteriza fielmente a aspiração pelo infinito, pela immensidade, por Deus e por todos os grandes objectos que mais directamente ferem o orgão da percepção interna ou externa; a vontade que o acompanha ha-de realizar-se, e o homem tem immenso desejo de ser livre; ha-de necessariamente amar a liberdade, porque a intelligencia lhe assegura que é ella a primeira das faculdades de que carece para ser homem e membro da sociedade. É, pois, a liberdade um sentimento annexo ao homem, vivendo nelle, e que porisso mesmo nunca o abandonará. As escholas fatalistas, esses systemas philosophicos que viveram á sombra de não sei que principios, e que entendiam submeter as acções humanas a uma força cega, necessaria, obrigatoria, poderam destruir o dogma da liberdade humana? Spinoza, Hume, Helvetius e outros muitos, enganaram-se, como ainda hoje muitos se enganam, quando avançaram que as determinações da vontade do homem dependem unicamente da disposição de seus orgãos. Não; enganaram-se. A liberdade manifesta-se clara e evidentemente em todos os actos humanos, e a propria consciencia o attesta de viva voz no estado em que o bem e mal a colloca. O remorso e o socego testemunham a liberdade humana. A theoria do homem *ex-machina* desapareceu; a dignidade e a intelligencia, proscreeveram-a.

O fatalismo leva-nos a milhares d'absurdos; para elle o bem e mal, a virtude e o crime, não tem distincção:—o homem pratica um acto, sem que para isso actuassem as suas faculdades, mas sim impellido por uma força superior;—teve culpa nesse acto que praticou?... Não... Quem o arrastou? O destino, a fatalidade... Mas, onde ficou então a responsabilidade que peza sobre o homem?... Não sabemos responder... O fatalismo é um erro repellido pela natureza humana; attesta-o a linguagem da humanidade inteira.

Todas estas escholas, theorias, systemas, etc. apregoam a liberdade humana, porque o homem não poderia querer ou deixar

de querer, se lhe faltasse esse poder activo, voluntario e independente que se chama — liberdade.

D'est'arte a religião existe egualmente no espirito humano, porque uma voz intima e mysteriosa diz que acima das miserias terrenas ha uma potencia sobranatural que rege e domina o espaço que creara.

O immenso vacuo que sente o coração humano, induz o individuo a concentrar-se em si mesmo, a pensar mais, a reflectir na mesquinhez que o rodea e a concluir por elevar uma prece ao Ente, que não conhece, mas em que crê, porque tudo lhe falla d'elle, porque tudo lh'o apresenta.

E esclarecida depois a intelligencia, expandindo-se então todas as faculdades que o constituem, o homem acaba por confessar a influencia magnetica d'estas duas grandes ideas a que podemos chamar gemeas: Religião e liberdade.

O homem é livre e religioso; crê, porque nelle influem dois poderosos agentes aos quaes tem de obedecer =liberdade e Deus.

Porto.

FIRMINO PEREIRA.

(Continua)

LIVRE!...

Respiro! Da liberdade gozo a sombra abençoada;
Surge-me a nova alvorada,
acaba-se a escravidão.
Respiro! sou livre agora
como é livre o pensamento,
como é livre o sentimento
que me anima o coração.

Sou livre! ninguem domina
a minh'alma de poeta.
Sou tão livre como a seta
nos espaços a cruzar.
Tenho aqui dentro do peito
o fogo da liberdade,
como o tem a immensidade
e as ondas livres do mar.

Sou livre! quem pode erguer-se
para lançar-me cadeias,
se tenho nas minhas veias
um sangue com tanto ardor.
Se tudo que me circunda
meu espirito illumina,
na tua chanma divina
Liberdade, ó luz de amor!

Sou livre! como o perfume
que se perde nos espaços;
sou livre como os abraços
de Julietta e Romeu.

Sou tão livre como a folha
da mais gigante palmeira,
como o leão na carreira,
como a luz que vem do ceu.

Sou livre! ninguem no mundo
domina a minha vontade;
não conheço magestade,
que possa ditar-me a lei.
Eu ergo a fronte altaneira,
sorrio-me da tyrannia,
como tu, ó poesia,
sorris da palavra =rei!=

Oh! sou livre! E serei livre
como é livre o pensamento;
como é livre o sentimento
que me agita o coração.
Sou livre, sou... E tão forte
como a voz da tempestade:
contra a minha liberdade
ninguem lança vil grilhão...

Lisboa.

C. GOODOLPHIM.

LEIS E REIS

Democrito, rei de Lacedemonia, na Grecia, foi desterrado dos seus dominios como criminoso.

Estando um dia no destêrro com um amigo, admirou-se de o vêr n'aquelle estado, sendo como era, o soberano do paiz.

«Não te admires—disse-lhe o rei com serenidade d'alma:

«Porque em Lacedemonia são as leis superiores aos reis.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

Crê-se, d'ordinario, que no estrangeiro não é quasi conhecido o nosso paiz, e que nenhum caso se faz d'elle por lá.

Não é isto tanto assim, ainda sem fallarmos das nossas relações internacionaes, cultivadas crescentemente d'epocha em epocha, e fomentadas por estrangeiros sem conto, que todos os dias veem viver entre nós.

Em Londres, por exemplo, ha uma rua que se chama rua de Portugal — *Portugal-*

Street:— em Paris, ha uma rua que se chama rua de Lisboa = *Rue de Lisbonne*.

Da primeira especie, póde convencer-se quem nunca visitou a capital da Inglaterra, lendo o *Modern London* de 1864 na pag. 217: e da segunda, quem nunca visitou a capital da França, lendo o *Paris Nouveau Illustré* de 1865 na pag. 156.

Ilha da Madeira.

E. D'ALMEIDA.

—•••••
O ENCARCERADO

E' triste a vida se n'aurora d'ella
Se turba a estrella que nos é pharol,
Torna-se negro, tedioso o mundo
Cahos profundo, sem alvôr, sem sol.

Falta-me tudo; dedicado amigo
Que dê-me abrigo, que m'estenda a mão,
Falta-me a estrella que me aponte um norte,
Meu Deus, que sorte, que fatal condão!

Eu era livre como é livre e solto,
Fumo revólto nas regiões do ar.
Eu era livre como é livre a vaga
Que o barco alaga n'amplidão do mar.

Livre qual ave quando os ares fende
E apoz desprende seu cantar gentil,
Ou como a brisa a ciciar fagueira
Entre a balseira nas manhãs d'abril.

Livre qual raio que atravessa o espaço
Sêm ter um braço que o algeme lá;
Mas sou captivo e nada valem prantos,
Unicos cantos de quem preso está.

Mas, ai, que vale relembraçõ agora
Gosos d'out'rorã que não voltam mais?!
Que importam queixas d'infeliz captivo,
Quem compassivo pode ouvir meus ais?!

Ninguem, que o mundo no seu vil egoismo
Chama cynismo da innocencia á voz;
Mas no silencio d'estã cella escura
A sorte dura carpirei a sós.

O sol não brilha n'estas lagens frias,
Como estes dias negregados são!
Se a lua fulge donairoza e meiga
Aqui não chega seu vivaz clarão.

Estas parêdes denegridas, feias
Geram-me ideias d'um pavôr sem fim,
Tudo é medonho, teciturno e triste,
Ai quem resiste a supplicio assim?

Que sina horrenda! que vivêr escuro
Sêm um futuro que me acene alem!
Tenho provado n'esta atroz clausura
Toda amargura que uma vida tem.

A PALAVRA

(Conclusão)

Mechanico obscuro, encerrou-se na sua officina de Stasburgo, e ali, em sonhos de gloria, previu e depois realisou o grandioso descobrimento da impensa, que por todo o universo havia de divulgar a luz da civilisação.

Depois d'essa sublime descoberta, pode dizer-se que a humanidade está em communicação immediata e perpetua. Os genios immortalisam o seu nome, o pensamento generalisa-se com rapidez e a palavra escripta athé ao seculo XV pela mão sempre indefessa do homem, já se multiplica admiravelmente por meio da machina infatigavel.

A'vida d'estudar no passado a lição do presente e os arcanos do porvir, a Europa inteira apodera-se em seguida d'este engenho colossal. A literatura e a philosophia, a politica e a legislação, a religião e a moral formam livros e periodicos, que saindo aos milhares dos prelos, vão circular pelo mundo inteiro.

Com a imprensa adquiriu a palavra tres caracteres, qual d'elles o mais importante:

A *perpetuidade*, porque sendo innumeraveis os exemplares impressos, é quasi impossivel o seu aniquillamento; a *transmissibilidade*, porque, sendo baratos, podem descer ás ultimas camadas sociaes; e a *rapidez*, propria d'uma machina, que redobrando de perfeição e auxiliada pela velocidade das locomotivas, propaga universalmente os seus productos.

Taes são as conquistas alcançadas pelo genio do homem e que tornam de dia para dia mais prodigiosos os effectos da palavra.

Apreciada ao principio simplesmente pelo som, grava-se depois com signaes symbolicos; mais tarde manifesta-se na escriptura alphabetica; no seculo XV reproduz-se com extrema celeridade; e por ultimo, como se tão immenso progresso não fôra bastante, os fios de telegrapho transportam-a de um a outro ponto da terra com a rapidez do raio que atravessa repentino o espaço.

CARLOS A. D'OLIVEIRA.

Lisboa

EXCERPTOS D'UM POEMA

—Versão—

(Continuado do n.º 12)

II

Ai! ver surgir o sol, que em luz se desentranha!
D'aqui, d'alem, ouvir festivo galhear!...
E aos cantos do arvoredado, e aos eccos da montanha
solemne vir juntar-se a rouca voz do mar...

Sorver o ar livre quando a pouco e pouco as sombras
concertam mil visões phantasicas, ideaes,
no valle que se espraia em flaccidas alfombras
por onde o orvalho engasta os nitidos cristaes;

sentirmos abrandar o sangue que percorre
pelas veias, febril, da febre no queimor;
aspirando 'num hausto o alento que nos morre,
e nesse alento a vida, e 'nessa vida o amor; —

e tudo a adormentar a dor que nos opprime!
e tudo a espedaçar da nossa mágoa o veio!...
Ha 'hi nada mais bello, e nada mais sublime,
nada que mais nos lembre a eterna patria,—o ceo?!

(Continúa)

Braga,

DIAS FREITAS

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

A Rainha dos Espadachins, por Paulo Féval,
—Tradução livre de Guilherme Celestino.
Empresa editora Carvalho & C.^a—Largo
de S. Roque, n.º 100, Lisboa.

Não é dos escriptores menos preferidos
pelos nossos amadores de leituras roman-
ticas, o auctor da *Rainha dos Espadachins*.

Paulo Féval prende a attenção do leitor,
não só pelos feitiços d'uma linguagem sim-
ples e pittoresca, mas ainda pela verosimi-
lhança do entrecho e naturalidade das si-
tuações. Manda, porem, a verdade que di-
gamos, que a *Rainha dos Espadachins*, não
é, a nosso ver, das producções onde mel-
hor se accentua a feição caracteristica
d'aquelle escriptor. Parece-nos que o ni-
miamente *arrastado* d'alguns episodios, não
absolutamente indispensaveis, prejudicam
não pouco a desenvolução natural da ac-
ção, e produzem no espirito de quem lê um
tal o qual enfadamento, que sempre min-

gúa o interesse que deveria ser, pelo con-
trario, mais augmentado.

O espaço destinado á secção consagra-
do ás publicações recebidas inibe-nos de
expor largamente a nossa opinião; mas não
nos eximiremos de o fazer em trabalho mais
folegado.

A traducção parece-nos bastante con-
scienciosa.

Recreio Infantil—Editor J. H. Verde, rua
do Duque de Bragança, n.º 8, Lisboa.

Recebemos os n.ºs 22 e 23 d'este for-
moso jornal, de cuja importancia já nos oc-
cupamos, e que continua a gozar dos mais
bem merecidos creditos. Com estes n.ºs
fomos tambem obsequiados com um exem-
plar do conto *Aladdin, ou a lampada mys-
teriosa*, pertencente á bibliotheca do *Re-
creio Infantil*.

O Filho do Diabo, por Paulo Féval—Tra-
ducção de F. M. Pinto de Sousa.

Recebemos as ultimas folhas do 1.º
vol. d'esta obra, publicação da empreza
Archivo Romantico, e não da *Bibliotheca
Contemporanea*, como por engano dissemos
em o n.º anterior.

A empreza do *Archivo Romantico* vae
encetar a publicação do romance historico
D. Sebastião, ou a Casa de Bragança, por
Miss Anna Maria Porter.

O escriptorio da empreza é na Traves-
sa do Convento de Jesus, n.º 53, 2.º an-
dar, Lisboa.

—Recebemos tambem o *Jornal das Da-
mas*, de que é proprietario o snr. J. J.
Bordallo, e redactor o snr. Barbosa No-
gueira.

Traz a descripção das ultimas modas,
e varios artigos de recreio.

E' o unico periodico de modas que se
publica em Portugal, e muito digno da ac-
ceitação que recebe do bello sexo.

—De Madrid enviou-nos o notavel es-
criptor hispanhol, D. Benigno Martinez, o
prospecto da revista, que com o titulo de
La Academia vae encetar a sua publicação
n'aquella capital, e da qual escreve n'ou-
tro logar o nosso eruditissimo collaborador
e particular amigo, o dr. Pereira-Caldas.